

04-02-2020

Se todo mundo sambasse seria tão fácil viver

Maria Helena Barros de Oliveira

[Advogada. Vice Presidenta do Núcleo de Pesquisa em Gênero, Raça e Etnia NUPEGRE/EMERJ. Pesquisadora do Departamento de Direitos Humanos e Saúde - DIHS/ENSP/FIOCRUZ]

Ouvindo Chico Buarque fiquei pensando que de fato se todo mundo sambasse seria tão fácil viver.

Samba não é só um conjunto de notas musicais.

Samba é vida, samba é esperança. Como entender essa louca e maravilhosa mágica do carnaval senão através da compreensão de que samba é vida, que samba é esperança. O samba é a alegria que está em mim e contamina a alegria que está em ti.

Samba é vírus que causa epidemias de vida, são vírus que não precisam ser isolados, ao contrário, há que se fazer uma pandemia de alegria.

Parece loucura que diante de tanta dor que existe no mundo, uma voz descompassada se levante em nome da alegria. Seria isso surto, deboche, senilidade ou uma forte chama que insiste em arder em nosso peito já tão cansado de sofrer?

Quem determinou que a vida tem que ser dor, sofrimento? Que volte aqui esse ditador da vida, construtor do medo, iniciador da desesperança, construtor do nazifacismo, para o enxotarmos com toda força de nossa alegria.

Às vezes o terror é tão grande, que num gesto até instintivo de sobrevivência nos calamos, emudecemos. Passados os primeiros momentos, saindo do impacto da morte anunciada, retomamos o respirar pausado da vida e da esperança.

Foi assim que me senti ao ver aquela grotesca cena de apologia ao nazismo, praticada por um dito homem público, no exercício de seu dito poder.

Ser uma figura pública, ter poder público não é uma consequência de uma medíocre nomeação.

Ser autoridade pública e ter poder público exige que no mínimo esse ser conviva com a legitimidade e preponderantemente tenha humanidade.

Será que era verdade o que eu assistia?

Não poderia ser um filme de terror? Não.

Um filme de terror é arte. Ali nada era para além de um ser mesquinho, raivoso e inconsequente. Nada além de um Ministro de Estado cometendo um crime em rede nacional.

Senti-me emudecida, violentada, agredida no mais íntimo de meu ser ao ver aquela patética tentativa de ressuscitar dos mortos o nazifacismo em horário nobre para tod@s.

É preciso enfrentar todas essas construções neofacistas que a cada dia tentam nos engolir, que a cada dia querem nos levar para os campos de concentração do ódio dos derrotados, dos seres desumanos. Nós, humanidade, não passamos pela inquisição, pelas duas grandes guerras, pelo holocausto, pela escravidão, por todos os grandes golpes na dignidade de nossas vidas, para deixar que impunemente esse horror, essas atrocidades voltem. Não.

Decididamente não. Assim, é no dia a dia, no pensar e no falar, no calar e no gritar, no esperar e no avançar, nas possíveis e impossíveis formas de sermos humanos, que temos que nos confrontar com todas as expressões de violências que fizeram, num passado tão recente, milhões de judeus e judias serem incinerados nos fornos do ódio e da desesperança. Ser alegre não é fantasia.

É um ato político diante do mundo.

Ser alegre possui um riso de ser feliz e quem sabe, num momento mais aprofundado, a gargalhada da felicidade. Combater o ódio com a vida, com a construção cotidiana de equidades identitárias a partir do gênero e da raça. Esse é nosso carma revolucionário. Estou no mundo para sambar, significa dizer que estou no mundo da dignidade, que estou no mundo do ser e do ter, do não submeter-se, e sim, ser livre no passo da esperança na ponta do pé.

■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.